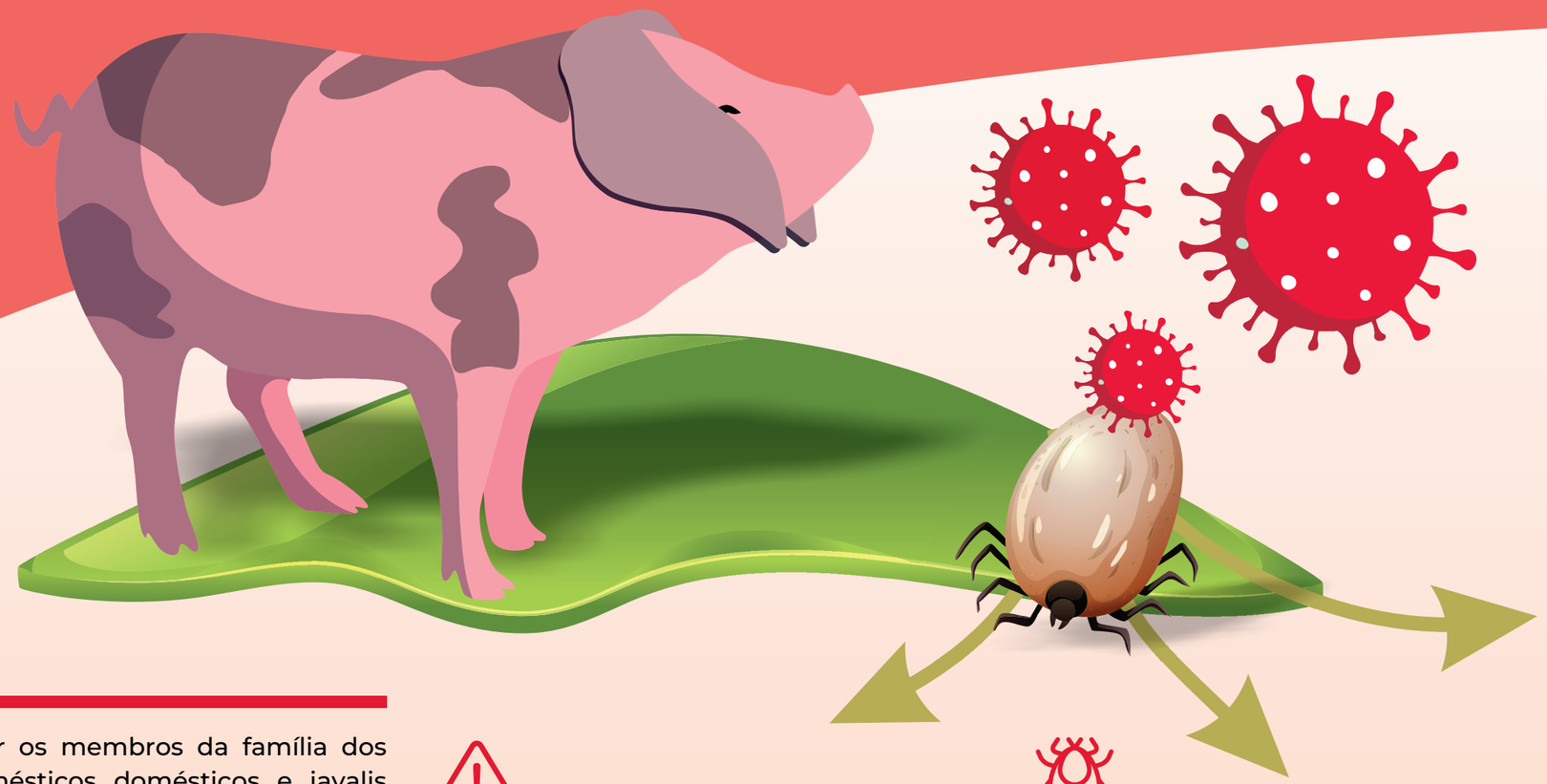
PESTE SUÍNA AFRICANA



Os alertas globais aumentaram com a surgimento da doença na **China** pela primeira vez em agosto de 2018. A doença alastrou-se por todo o país Asiático e propagou-se para a **Mongólia**, **Vietname**, **Camboja** e **região de Hong Kong**.

A cifras oficiais reportam neste período (entre mortos e sacrificados), mais de **2,5 milhões de suínos domésticos**, dos quais a Ásia entra com 67,6% nos últimos 10 meses.

Os sintomas incluem **febre, perda de apetite**, baixa energia, abortos, hemorragias interna e hemorragias visíveis, inclusive a morte.

Entre 2016 e maio de 2019, ocorreram um total de **10.211 focos na África, Europa e Ásia**.

Pode afetar os membros da família dos suínos domésticos domésticos e javalis (javalis e queixadas).
Não afeta o ser humano.

O vírus é muito **resistente a baixas temperaturas** e pode sobreviver por longos períodos de tempo no sangue, fezes e tecidos de animais infectados.

É uma doença transfronteiriça **altamente contagiosa**, de origem viral (família Asfarviridae do género Asfivírus).

Segundo a OIE, desde 2016, **24%** dos países membros (48 de 200) **têm reportado a doença** como presente.
Os sinais clínicos típicos são similares aos da peste suína clássica (endémica em vários países das Américas), pelo que para diferencia-las se requer o **diagnóstico de laboratório**.
Na apresentação **hiperaguda** a morte é repentina e sem maiores lesões

A peste suína africana pode ser transmitida por **contacto directo** de animais sadios com animais infectados ou **indirecto** por meio de alimentação com carne proveniente de animais infectados (o vírus pode permanecer na carne sem cozimento entre três e seis meses), **vectores biológicos** como carrapatos do género Ornithodoros e **objectos inanimados** (fómites) contaminados que podem veicular o vírus.